

5ª PARTE

Discursos e Conferências

A Academia Cearense de Letras, 114 anos

Pedro Henrique Saraiva Leão

Senhor Presidente e preclaro colega Murilo Martins,
Senhoras e senhores acadêmicos,
Distinto auditório,

Os aniversários desta Academia costumam ser saudados por acadêmicos de escol, íntimos da história da instituição, esotéricos. Neste seu 114º ano não me foi fácil suceder oradores de coturno, renomados como os mestres Artur Eduardo Benevides, Pedro Paulo Montenegro, e Sânzio de Azevedo. Contudo, aqui estou, em obediência à determinação do seu Presidente, meu ínclito colega, Professor Murilo Martins, a quem deveras agradeço esta subida distinção.

A cronologia literária no Ceará começou a ser registrada no último decênio do século XIX, estribando-se em quatro pilares fundamentais: Thomaz Pompeu (1813), Oliveira Paiva (1886), Antônio Sales (1892) e Barão de Studart (1908). Decerto iniciou-se com o grupo intelectual dos “Oiteiros”, de 1813. A seguir (1870 - 1875) viria a funcionar a “Academia Francesa do Ceará”, capitaneada por Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Em 1875, igualmente, inaugurou-se o “Gabinete Cearense de Leitura”, de índole abolicionista, ânimo também motor da criação do “Clube Literário” (1886), mercê de algumas figuras solares do nosso beletismo, àquela época, como Oliveira Paiva, e – bendita entre elas – uma mulher! Francisca Clotilde, ulteriormente famosa nas nossas letras.

Posteriormente, nasceria o “Instituto do Ceará”, por iniciativa de Guilherme Studart, o Barão, seu Presidente desde a fundação até falecer em 1938.

Tal calor intelectual, qual forno do espírito acometeu, o também febril Antônio Sales e converteu-se na famosa “Padaria Espiritual”, em 1892, a qual cozeu vários “pães” até 1898.

A “Padaria Espiritual” teria ensajado mesmo esta Academia, – exemplificando o contumaz pioneirismo cearense – por ter precedido,

em 30 anos a comentadíssima “Semana de Arte Moderna” de São Paulo, em 1922, marco inamovível da evolução literária, artística no Brasil.

Senhor Presidente, Colegas Acadêmicos, Senhoras e Senhores:

Conhecida parêmia espanhola, reza que “Los cumpleaños son el aquiler que pagamos por la vida”. Embora não seja das melhores a situação financeira desta Casa, aqui estamos, jubilantes, a pagar, neste ano, seu 114º aluguel! Pois.

Aquele surto neoacadêmico registrado no Brasil, de 1894 ao início da centúria seguinte, culminaria com a abertura da então “Academia Cearense” na Fênix Caixeral, em 15 de agosto de 1894, por idealização também do anglo-cearense Barão de Studart, sob a liderança inclusive de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, seu primeiro Presidente.

Na “Academia Cearense”, sentavam-se, de início, sós 27 membros, a par com (orgulha-me ressaltar) três médicos: o próprio Barão, e os Drs. Adolfo Luna Freire e Eduardo da Rocha Salgado.

Contrariando a opinião de alguns exegetas, o nascimento deste cenáculo resultou de mais uma das benfazejas lufadas d’álem mar, de Portugal, pois calcada na “Academia de Ciências de Lisboa”, e não naquela do Cardeal Richelieu.

Numa de suas desabusadas máximas, um certo Pereira da Fonseca, do Rio de Janeiro – o Marquês de Maricá – já afirmara, em 1848: “Ninguém mente tanto, nem mais do que a história!”. Estes dados, contudo, refogem à mordacidade do aludido Marquês, pois são da lavra de Raimundo Girão, Dolor Barreira, Mozart Soriano Aderaldo, e do Professor Sânzio de Azevedo!

Portanto, é de mister “rappeler”! É bem que repitamos, até mesmo maçando um pouco; relembremos nossos feitos, mormente aos mais jovens, pois assim custarão a esquecer! Vale evitar que nossa história seja corroída pela posteridade, imêmore, esquecediça, e desdenhosa, quase sempre! Verdade seja, agora, aqui, somos quais atores de teatro, encenando a mesma peça, para uma platéia sempre diferente. Aliás, Harald Weinrich, de Munique, no livro “Lethe – Kunst und Kritik des Vergessens” (“Arte e Crítica do Esquecimento”) (Verlag C.H. Beck, 2000) afir-

mou: “O homem é (...) um animal obliviscens,” vítima natural do olvido; e o escritor português Vergílio Ferreira – Prêmio Camões de Literatura (1992) – já havia dito ser o esquecimento o destino da vida!

Assim, e em obséquio à verdade histórica, com legítimo bairrismo, aprez-nos reiterar ter sido esta agremiação fundada três anos antes da “Academia Brasileira de Letras”, só instalada por Machado de Assis em 1897!

Nascida em 1894, nossa Academia, a exemplo de qualquer ser vivo, passou a padecer das doenças próprias da infância, e destas, as “growing pains”, ou dores do crescimento, como dizem os anglos-saxões.

Em 1922, acolhendo sugestão do já festejado folclorista Leonardo Mota, foi crismada como “Academia Cearense de Letras”, e logo reconhecida como “Casa de Tomás Pompeu”, este bisavô da nossa acadêmica Professora Angela Gutierrez Adrianzen!

Do número de cadeiras – aumentado para 40 – constava outra mulher, Dona Maria Rodrigues ou Alba Valdez. Aliás, o Ceará sempre enalteceu a mulher nas nossas letras.

Em 1930, a ACL foi reorganizada, tendo como presidente Antônio Sales, o imortal romancista de *Aves de Arribação*.

Finalmente, em 1951, sob o leme de Dolor Barreira (autor da formidanda *História da Literatura Cearense*), nossa sociedade – “entrefechado botão, entreaberta rosa” – desabrochou, adulta, sucedendo-se, mais recentes, as gestões substantivas de Antônio Martins Filho, Eduardo Campos, Cláudio Martins, Artur Eduardo Benevides, e hoje, do igualmente profícuo Presidente Professor Doutor José Murilo de Carvalho Martins.

Destarte chegamos até aqui.

Citando nosso atual Presidente de Honra, Artur Eduardo Benevides – Príncipe dos Poetas Cearenses – na saudação aos nossos 88 anos, continuamos “sobre percalços contínuos e dificuldades inúmeras, (...) cultuando tradições e perenizando a memória de pessoas e de fatos que engrandeceram e engrandecem o nome do Ceará”.

E acrescentamos, agora: primeiro que as recordações literárias cearenses não caiam no Lethe, o mítico rio do esquecimento, ou terminem por “tomber dans l’oubli”, como mais eufonicamente dizem os franceses.

Tal nos lembra a *Odisséia*, de Homero, canto IX, quando aos marujos de Ulisses foi dada a comer uma fruta, lótus, a qual sobre ser dulcíssima, lhes fez esquecer de retornar à Ítaca!

Senhoras e Senhores:

Prestes a concluir, relevem-me algumas divagações acerca do vero começo de todos nós: a mulher, a quem São Paulo, falando aos Coríntios, chamou “a glória do homem”!

Além daquelas, senhoras antes mencionadas, foram aqui titulares várias outras, por igual insígnas – às quais tributamos nossa homenagem, evocando o nome da Acadêmica Natércia Campos – e hoje inúmeras aqui florescem, e nos encantam, com seu donaire, e sua meritória literatura.

A propósito, no nosso elóquio de posse, há 22 anos – quando fomos gentilmente recebidos pelo Professor Pedro Paulo Montenegro – dissemos que Deus, ao praticar a primeira operação cirúrgica, uma toracoplastia – ou mais precisamente, uma costectomia – retirando de Adão uma costela (ela!) para fazer Eva, a mulher passou a se evidenciar na literatura universal.

Viniciosamente, podemos afirmar que no “longo capítulo das mulheres”, o Ceará teve e tem portentosos exemplos! O Romance no Brasil começou com uma delas, *Iracema*, de José de Alencar, e dele ainda *A Viúva*, *Lucíola*, *Diva*, *Senhora*, e *Amália*, lembram-se? de Encarnação. E Adolfo Caminha nos apresentou *A Normalista*, a qual no texto havia nome Maria do Carmo.

Otacílio Colares, In *Lembrados e Esquecidos* (Fortaleza, 1977) mencionou duas escritoras de truz: Emília Freitas, de Jaguaruana, autora de *A Rainha do Ignoto* (1899; 456 pp.!) romance pioneiro da literatura fantástica no Brasil, e Francisca Clotilde, de Tauá, com *A Divorciada* (1902). E como personagens marcantes sobressaíram Luzia-Homem (1903), de Domingos Olímpio e Dona Guidinha do Poço (1952), do meu patrono nesta Academia, Manoel de Oliveira Paiva.

Vale recordado que a citada senhora Alba Valdez, de Itapajé, em 1904 fundou e presidiu a Liga Feminina Cearense, original assembleia literária, talvez precursora da atual “Sociedade das Amigas do Livro”!

Alba Valdez foi sócia efetiva do “Instituto do Ceará” e, louvase! a primeira mulher acadêmica no Brasil, em 1937. Fato semelhante somente ocorreria 40 anos depois com a entrada da primeiríssima mulher na “Academia Brasileira de Letras”, outra cearense, Rachel de Queiroz, em 1977.

No transcurso desta magna data, corre-nos a obrigação de agradecer a alguns dos nossos vários e solícitos mecenas, aos quais saudamos pronunciando os seguintes nomes: José Carlos da Costa Ribeiro Jr., um dos fundadores desta Academia, e bisavô do ex-Governador e atual Senador Tasso Jereissati, este tendo nos doado o antigo Palácio da Luz para nossa sede definitiva. José Carlos da Costa Ribeiro Jr. é bisavô também da Senhora Regina Pamplona Fiúza, nossa competente Secretária Administrativa e ex-Presidente da Sociedade das Amigas do Livro!

Nosso reconhecimento ao ex-Governador, hoje Deputado Federal, Ciro Gomes, pelo ar que respiramos neste auditório!

Por aqui fazemos ponto. Não há por bem continuar; não vá alguém julgar seja eu, de peito feito e caso pensado, maçador profissional. Agradecemos a todos os presentes pelo honroso comparecimento, e pela monástica paciência de me ouvir com atenção até aqui.

Muito obrigado.